



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Nação e nacionalismo numa perspectiva histórica

Por: Maxlander Dias Gonçalves⁵⁹

max.dias.goncalves@gmail.com

Resumo

O tema nação e nacionalismo tem ganhado relevância na atualidade em razão dos fluxos migratórios recentes. Conservadores e liberais, em especial, tinham pontos de vista diferentes sobre o mesmo assunto no século XIX e atualmente a questão parece estar longe de ser resolvida, apesar de urgente. As guerras étnicas e a falta de trabalho levam um contingente imenso de pessoas a migrarem, carregando consigo identidades culturais que abalam as estruturas seculares de nações desenvolvidas.

Palavras-chave: Identidade Nacional; Imigração; Cultura Nacionalista.

Resumo

La temo nacio kaj naciismo akiris gravecon nuntempe pro la freŝaj migraj fluoj. Konservativuloj kaj liberaluloj, en aparta, havis malsamajn opiniojn pri la sama temo en la 19a jarcento kaj hodiaŭ la afero ŝajnas malfrue solvita, kvankam urĝa. Etnaj militoj kaj manko de laboro kondukas al grandega kontingento de homoj migrantaj, portante kun ili kulturajn identecojn, kiuj skuas la sekularajn strukturojn de evoluintaj nacioj.

Ŝlosilvortoj: Nacia Identeco; Enmigrado; Naciisma Kulturo.

Abstract

The theme nation and nationalism has gained relevance in the present time, having as a reason the recent migratory flows. Conservatives and liberals, in particular, had

⁵⁹ É doutorando em História pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, é Mestre em História Social das Relações Políticas pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, é Graduado e Licenciado em História pela SERRAVIX, é Graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES e é graduando em Filosofia pela mesma instituição. É servidor público federal, docente do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico – EBTT, lotado junto ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – IFRO, no campus da cidade de Ariquemes – RO. É autor do livro “Uma história do PT no discurso da Veja” (2018) e coautor dos livros: “Juventude e desenvolvimento: por uma nova ordem global” (2012) e “O PT na institucionalidade democrática brasileira” (2011).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

different views on the same subject in the nineteenth century and today the issue seems far from being resolved, though urgent. Ethnic wars and unemployment lead to an immense contingent of people migrating, carrying with them cultural identities that shake the secular structures of developed nations.

Keywords: *national identity, immigration, nationalist culture.*

Introdução

Podemos conceituar nação, a partir dos termos latinos *nasci* e *natio*, como sendo o laço que une as pessoas a partir do nascimento ou do local onde nascem. Há uma compreensão geral de que esse local de nascimento provê o fundamento para uma forma natural de associação humana o que está longe de ser um fato consumado. Na verdade o termo nação passou a ter um sentido político apenas na Europa do final do século XVIII e início do XIX (VINCENT, 1995, p.237).

Juntamente com a tentativa de uma conceituação mais precisa sobre o termo se consolidaram também as várias formas de se conceber e analisar o fenômeno nação. Esta palavra – que em si traz outros muitos conceitos difíceis de serem medidos tais como história, cultura, língua, lealdade, afeição em comum – denota algo de grande abrangência e muita controvérsia.

São vários os paradoxos presentes na discussão. Conforme Vincent, explicações conceituando nação e nacionalismo surgiram com o advento da democracia, em um contexto de avanço industrial e de múltiplas teorias sobre a base da soberania popular e desde então vem sendo mescladas a outras tantas formas de ideologia. Ao remontar um passado tribal e étnico algumas teorias nacionalistas buscam encontrar explicações identitárias em aspectos genéticos. “Escritores influenciados pela sociobiologia tendem a esta forma de interpretação, encarando o nacionalismo mais como uma categoria biológica do que normativa” (VINCENT,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

1995, p.241).

Já Anthony Smith argumenta que é a partir do aprofundamento das relações e associações de uma dada etnia que as nações modernas passam a existir. Contudo, segundo Vincent, como início do nacionalismo “o ponto de origem mais plausível é o período imediatamente anterior e o posterior à Revolução Francesa” (1995, p.241).

De acordo com Oliveira, as doutrinas sobre a constituição da nação enfocam dois elementos principais: o político e o cultural. No primeiro a ação legislativa orienta o caráter nacional e no segundo todo o ideário nacionalista tende “a se contrapor à ideia de progresso” organizando sua ação numa constante reconstrução do passado (1990, p.29). A problemática candente reside na passagem do ser humano de um estado de natureza para o civil: a nação é um fundamento artificial ou uma estrutura natural?

Atribuir ao elemento cultural ou político uma explicação dogmática e definitiva acerca da união dos seres humanos em uma nação e a consequente ideologia nacionalista que emerge daí possibilita ao Estado justificar ações no campo das leis e dos costumes, todavia não desnuda o tema em sua complexidade. A questão nacionalista no século XXI ganha relevância na medida em que ondas migratórias acentuam problemáticas diversas, alimentadas por xenofobia, pela crescente pobreza e pelo desemprego em massa potencializando narrativas de cisão baseadas em políticas de identidade nacional.

Nação e nacionalismo sob distintas concepções teóricas

Duas premissas teóricas, em especial, buscam responder onde reside o fundamento da nação. Uma vem de Herder e a outra tem a marca de Rousseau. Herder circunscreve o homem dentro de uma cultura particular. Nela este ser



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

humano se origina. O seu modo de pensar, atravessado pela formação educacional, está carregado desta mesma cultura que, reforça, não é universalista, cosmopolita. Em sua ideia paira uma certa negação do homem iluminista desarraigado de uma comunidade (BERLIN, 1982, p.152). A linguagem comparece em Herder como um elemento destacado para a identificação cultural dos homens. Todavia, conforme Andrew Vincent, a língua não parece ser uma identificação clara para a condição de nação, entretanto ela constitui um dos elementos centrais da maioria dos movimentos nacionalistas até hoje (1995, p.260).

Jean-Jacques Rousseau vai caracterizar a política como este percurso que desembocará na constituição de um estado civil onde a natureza se submete à lei, invertendo a lógica natural, passando o forte a servir o fraco e o povo, em busca de sua felicidade, outorga poder a um ente que lhe possibilite felicidade real (1991, p.235).

Rousseau centra no indivíduo sua análise acerca da origem da desigualdade entre os homens e põe em movimento um exame da sociedade cujo estado nacional se estabelece em consonância com um conjunto de regras que objetivam manter uma ordem dentro de um território circunscrito. Mas é o ser humano que estabelece tal ordem que orienta uma nação e não o contrário. A democracia, por exemplo, se organizara na medida em que as desigualdades não eram tão desproporcionais, cujos homens “menos se tinham afastado do estado de natureza” (1991, p.276). Em Rousseau não há traço cultural que determine o pertencimento dos indivíduos, tampouco ordem que não deva ser superada quando o ser humano em estado civil está totalmente privado de sua liberdade.

Ademais, Ernest Renan define uma série de argumentos para que não se considere somente este ou aquele aspecto como essencial à constituição de uma



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

nação, pois, de fato, desvendá-los, por meio dos estudos históricos, pode até contribuir para pôr em perigo a nacionalidade (RENAN, 1999, p.147).

A verdade é que não há raça pura e que basear a política na análise etnográfica é colocá-la sobre uma quimera. Os países mais nobres, Inglaterra, França, Itália, são aqueles onde o sangue é mais misturado. A Alemanha é uma exceção? Ela é um país germânico puro? Que ilusão! (RENAN, 1999, p.152)

O pensamento do alemão Johann Gottfried von Herder contribuiu para a consolidação do que chamamos de ideal romântico acerca do caráter nacional. Seus pressupostos tinham por alicerce uma realocação do lugar do iluminismo na história e o respeito às tradições de cada povo. Segundo Finkielkraut, Herder estabeleceu uma singularidade para cada nação da terra, definindo que “tanto as mais abastadas quanto as mais humildes – têm uma maneira de ser única e insubstituível (1988, p.16)”. Dentre os exemplos utilizados por Herder para definir a importância da nação e conservar o seu núcleo de identidade está a Grécia. Apesar de reconhecer a importância dos grupos étnicos que a compusera, Herder afirma que os gregos criaram algo completamente novo.

Su carácter no conservó ningún rasgo oriental ni fenicio ni egipcio; se hizo griego, y en muchos aspectos estos rasgos llegaron a ser casi demasiado originales; revestían y transformaban todo a su modo. Todo lo demuestra; desde el más grande de los inventos y la historia más importante hasta la palabra y el signo. Paso a paso, en todas las naciones ocurre lo mismo (HERDER, 2007, p.47).

De outro modo constituíram-se os romanos, que mesmo em seu período áureo de expansão imperial não conseguiu destruir barreiras tão sólidas quanto às nacionais. Tendo ela mesma o fim que supusera em outros povos (HERDER, 2007, p.50). Com tais exemplos históricos Herder buscava explicitar os equívocos, em sua



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

opinião, das teorias universalistas e seus defensores como Hume e Voltaire – “¿qué sois vosotros a la luz de la verdad?” (2007, p.57) –, bem como o discurso liberal dos revolucionários franceses.

Não se pode também racionalizar o vir-a-ser, como os filósofos do século que se baseiam no progresso das Luzes, ou seja, no movimento paciente, contínuo e linear da civilização. Não é a história que é sensata ou mesmo racional, é a razão que é histórica (FINKIELKRAUT, 1988, p.18).

Este debate teórico dos alemães contra os franceses teve os intelectuais, os poetas e juristas como os grandes protagonistas. Eles prepararam toda sorte de literaturas para justificar seus valores como sendo autênticos e típicos do *Volk* alemão. Destarte, o âmbito da língua é essencial para forjar o nacionalismo sob o prisma conservador, apesar de, conforme Benedict Anderson, no caso das independências americanas e a constituição do seu caráter nacional particular, tal fator não foi relevante enquanto aspecto diferenciador. Na prática, as elites dirigentes que conduziram o processo de ruptura contra a metrópole compartilhavam a mesma linguagem e descendência com seus antigos colonizadores. “Na verdade, é justo que se diga que a língua nunca foi sequer um tema nessas antigas lutas pela libertação nacional” (ANDERSON, 1989, p.57).

Em sua obra *Nação e Consciência Nacional* Benedict Anderson vai descrever de que modo a linguagem impressa teve um papel preponderante para a unificação dos Estados-nação europeus entre os séculos XV e XVI, rompendo com a fictícia unidade do latim instaurada sobre a comunidade europeia como um legado da igreja romana. Com o advento da imprensa, criou-se um mercado editorial retroalimentado pelo avanço do protestantismo. Tais obras escritas em línguas francesas, inglesas, alemãs criaram uma comunidade imaginária sob uma insígnia



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

nacional. “O capitalismo editorial atribuiu nova fixidez à língua, que, a longo prazo, ajudou a construir aquela imagem de antiguidade, tão essencial à ideia subjetiva de nação” (ANDERSON, 1989, p.54).

A combinação não intencional e bastante explosiva entre o capitalismo, a tecnologia e a diversidade linguística possibilitou a emergência de elementos nacionalistas de diferenciação, bem como das nações em sua face moderna. Na América o advento do jornal e sua rápida expansão no século XVIII utilizou combinação idêntica criando uma comunidade imaginada entre “companheiros-leitores” que se uniam primordialmente pela nova posição ocupada sob os escombros da extinta sociedade colonial (ANDERSON, 1989, p.73).

Há, sem dúvida, um extenso debate acerca da validade do fator “língua” como item aglutinador nacionalista ou como elemento cultural inaugurador da nação, porém, conforme Finkelkraut, há no pensamento romântico uma definição de que a sociedade não nasce do homem, pois quando esse indivíduo vem ao mundo já existe uma comunidade constituída. Neste sentido ele está fadado a se inserir num sistema com regras diversas desde a linguagem até as leis. “O homem entra em um jogo no qual não lhe cabe fixar, mas aprender a respeitar as regras” (1988, p.24). Revoluções e transformações abruptas, por fim, tendem a por em risco as tradições, que é exatamente aquilo que o povo vem sustentando por longos séculos e que o mantém ligado como uma espécie de argamassa.

De modo inverso os liberais acreditam que o homem e seus valores devem ser submetidos à razão que é determinante para o avanço da história da humanidade. Através dela os indivíduos constituiriam novas formas de organizar politicamente o estado permitindo renovar a sociedade humana como um todo. No princípio liberal consagrado entre os franceses a “associação voluntária dos homens



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

[a um Estado-nação] não dependia de uma particularidade qualquer, seja de grupo, de cultura ou de tradição, mas estava aberta a todos os co-partícipes” (FONTES, 1998, p.06).

A nação nascida da Revolução Francesa tinha como referência primordial um conceito político territorial, cuja base era a existência de uma lei comum e da cidadania. Os fundamentos desta comunidade política residiam na vigência da lei que protegia todos os cidadãos, unidos no mesmo interesse e desfrutando dos direitos naturais do homem (LIPPI, 1990, p.30).

No contrato social estabelecido entre as partes, cujos indivíduos aceitam se submeter quando passam a viver sob aquele conjunto de leis, estão predispostas as questões para uma nação socialmente organizada. O homem livre pode escolher a que nação pertencer, que leis seguir. O homem vem antes da nação e as tradições culturais não seriam mais condicionantes. De acordo com Alain Renaut, mais do que um corpo a qual se pertence, a nação revolucionária é um edifício que se constrói a partir de um vínculo contratual. “No se nace, se hace uno francés por un acto de adhesión voluntaria [...] (1993, p.43)”.

La nación revolucionaria se piensa, pues, sobre el fondo de su propia desaparición como nación distinta de las demás cuando la comunidad democrática se haya extendido al conjunto de los pueblos: horizonte del cosmopolitanismo, pero también – y ambos temas son solidarios el uno del outro – horizonte de la paz perpetua (RENAUT, 1993, p.45).

A questão referente à universalidade é um dos pontos nevrálgicos para os liberais quando o assunto é o nacionalismo. A expansão do processo produtivo industrial em todo o mundo, a globalização e a ampliação da defesa sistemática da Declaração Universal dos Direitos Humanos não eliminou tradições culturais, tampouco garantiu a superação de formas milenares de opressão de determinados



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

grupos étnicos e de gênero, muito menos rompeu barreiras nacionalistas.

Num mesmo sentido, a experiência da revolução russa de inspiração marxista não conseguiu orientar uma política de classe que sobrepujasse as dinâmicas das nações que compunham a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Tanto que fora necessário para construir uma formação estatal duradoura fazer concessões de direitos com base nas nações, no entanto tais concessões não contemplaram todas elas com o registro de nacionalidade. Na ordem administrativa o idioma russo prevalecia sobre as demais linguagens e um projeto interno de imigração no período stalinista visava deslocar russos para outros territórios de origem étnicas diferentes, a fim de dirimir os tensionamentos de ordem política e cultural.

Em contraposição ao liberalismo político e ao socialismo soviético Hitler forjou o nacional socialismo. O seu conceito de economia planificada em prol da nação condenava a livre iniciativa e o individualismo. O romantismo alemão servira de algum modo como fator inspirador para o resgate de imagens do glorioso passado germânico. Uma inversão basilar do marxismo, tornando a luta de classes em luta de raças, foi primordial para a teoria hitlerista (DUMONT, 1985, p.143). Através dela o suposto inimigo comum da nação ganhou uma identidade nacional diferente – eis a premissa do discurso antissemita; o outro é tudo aquilo que eu por distinção não sou – esvaziando o conteúdo marxista em torno das divergências classistas e a função do Estado. Na lógica do *führer* o novo mundo em gestação teria os arianos como os únicos suficientemente adaptados para o porvir da espécie humana, numa clara alusão às teorias evolucionistas que influenciaram as ciências do século XIX.

A condição mais essencial, porém, para a formação e conservação de um Estado é a existência de um sentimento de solidariedade, baseado na identidade de raça, bem como a boa vontade de por ele sacrificar-se. [...] Na luta pela conservação serão submetidos ao jugo e assim mais cedo ou mais tarde sucumbirão os povos que



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

apresentarem menos virtudes heroicas ou que não estejam na altura da astúcia do parasita inimigo (HITLER, 2016, p.122).

Para Ernest Renan interessa perceber onde, quando e como determinadas convenções passam a fazer sentido para as pessoas na tarefa de se identificar com relação aos similares e em contraposição aos díspares. A formação de uma nação não depende apenas da constante lembrança dos elementos de unidade, mas pressupõe, outrossim, esquecimento por parte dos indivíduos que compõem a coletividade (1999, p.148).

Como a França persiste como nação, quando o principio que a criou desapareceu? Como a Suíça, que tem três línguas, duas religiões, três ou quatro raças, é uma nação, enquanto que a Toscana, por exemplo, que é tão homogênea, não é considerada uma nação? Por que a Áustria é um Estado, mas não é uma nação? (RENAN, 1999, p.149)

Identidade e Imigração no século XXI

Benedict Anderson afirma que “[...] nos últimos trinta anos, a escala e a velocidade da migração internacional de mão de obra, não apenas dentro, mas entre as fronteiras nacionais, têm-se acelerado, sem que haja sinais de retração” (1999, p.162). Essa configuração muito peculiar no século XXI que rompeu limites econômicos e barreiras geográficas, modificando a relação entre os indivíduos e, conseqüentemente, o cotidiano das nações, tem amplificado o debate político acerca da imigração em todo o planeta.

Há um fluxo intenso de pessoas em busca de oportunidades de trabalho e estudos sem que a fixação de moradia em um novo território, vivendo em meio a uma nova nação represente o abandono de raízes culturais e identidades históricas destes indivíduos. De acordo com Anderson, “pessoas são muito mais que apenas



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

trabalhadores; carregam consigo culturas, hábitos, músicas, culinárias, tradições e crenças religiosas” (1999, p.163). Estes *outsiders* tidos como humanos inferiores pelos estabelecidos⁶⁰ personificam a lógica de funcionamento da imigração no século XXI e reafirma a concretude do ideário nacionalista tão forte nos séculos passados e, só aparentemente, em decadência na sociedade globalizada.

A lógica da imigração segue rastros que remontam o processo de colonização da África e da Ásia por parte dos europeus ainda no século XIX. Num fluxo inverso, muitos ex-colonizados, em busca de oportunidades, ultrapassam de forma ilegal a linha que determina a circunscrição do que é nacional no âmbito geográfico e quem são os cidadãos que a compõe, problematizando o que fora a amplitude territorial do grande império europeu Oitocentista e o modo como se construíram as múltiplas identidades no correr dos séculos.

Conforme Hobsbawn há uma ruptura nesta rede que, costumeiramente, era aquilo que ligava as pessoas na sociedade. Neste sentido o estrangeiro torna-se o problema encarnado que parece afligir todas as nações. Por ser de fácil identificação, “eles’ são reconhecíveis como ‘não nós’, em geral pela cor ou por outros estigmas físicos, ou pela língua” (2000, p.279).

Em certo sentido, o que se defende é a ideia do “nós” como um corpo de pessoas unidas por um número incontável de coisas que “temos” em comum – um “estilo de vida”, no sentido mais amplo, um território comum de existência em que vivemos, e cuja paisagem nos é familiar e reconhecível. É a existência disso que fica ameaçada com a entrada do que vem de fora (HOBSBAWN, 2000, p.280).

⁶⁰ Conforme Norbert Elias, num estudo com uma pequena comunidade, buscando traçar aspectos universais a partir dos indicadores obtidos, fora possível perceber o quanto os recém-chegados, “depois de algum tempo, pareciam aceitar, com uma espécie de resignação e perplexidade, a ideia de pertencerem a um grupo de menor virtude e respeitabilidade” enquanto o grupo estabelecido “atribuía a seus membros características humanas superiores” (ELIAS, 2000, p.20)



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Neste tempo as barreiras legais e de identidade acentuam a semelhança e a diferença, realçando um medo recorrente de que a imigração e uma consequente miscigenação leve as nações a se esquecerem de quem são, de onde vieram, decretando o fim daquilo que se entende por comunidade nacional. Mesclam-se neste raciocínio famosas teorias eugenistas do século XIX e persistentes argumentos xenófobos do século XXI. A ampla imigração representa um desafio para os Estados Nacionais, constituídos historicamente sob uma política de influência iluminista e universalista marcantes no século XIX que, por conseguinte, não eliminou sedimentos culturais seculares pré-Oitocentos tornando em efemérides as caricaturas nacionalistas.

Referências

- ANDERSON, B. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989.
- _____. "As promessas do Estado-nação para o início do século XXI" In HELLER, A. [et al.]. **A crise dos paradigmas sociais e os desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999, p.156-170.
- BERLIN, I. **Vico e Herder**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.
- DUMONT, L. **O Individualismo - uma perspectiva antropológica da ideologia moderna**. Rio de Janeiro, Rocco, 1985.
- ELIAS, N. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FINKIELKRAUT, A. **A derrota do pensamento**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- FONTES, V. "A questão nacional: alguns desafios para a reflexão histórica" In MENDONÇA, S.; MOTTA, M. (Org.). **Nação em crise: as dimensões da história**. Niterói: Eduff, 1998, p.1-21.
- HERDER, J. G. **Filosofia de la historia para la educación de la humanidad**. Buenos Aires: Nova, 2007.
- HITLER, A. **Minha Luta**. Brasília: Editora do Carmo, 2016.
- HOBSBAWN, E. "Etnia e Nacionalismo na Europa de Hoje" In BALAKRISHNAN, Gopal (org.). **Um Mapa da Questão Nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000,



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

p.271-282.

OLIVEIRA, L. L. **A questão nacional na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

RENAN, E. "O que é uma nação?" In MELLO, Renato de. **A nação de Renan**. Revista Caligrama, Belo Horizonte, 1999, p.139-180.

RENAUT, A. "Lógicas de la nación" In: Gil Delannoi y Pierre-André Taguieff (comps.). **Teorías del nacionalismo**, Barcelona, Paidós, 1993, p.37-52.

ROUSSEAU, J. J. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Coleção Os Pensadores . São Paulo: Nova Cultural, 1991.

VINCENT, A. **Ideologias políticas modernas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1995.